



AS DINÂMICAS DE COOPERATIVISMO E AÇÕES SOLIDÁRIAS NOS GRUPOS DE UDÂ (MANDJUANDADI) NO SEIO DOS MANJACOS DE PECÍXE EM GUINÉ-BISSAU

Rute António Da Silva¹
Ismael Tcham²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo, compreender a forma como os grupos de Mandjuandadi conhecido no seio dos manjacos como Udâ em Guiné-Bissau se estruturam e organizam os processos de cooperativismo solidaria para compartilhar as formas de resolução de interesses individuais e coletivos, essas associação são compreendidos como grupos de harmonia e solidariedade que desenvolvem atividades culturais, ações econômicas, e solidária que ocorrem nos bons e nos maus momentos de cada integrante do grupo. No entanto, a nossa finalidade também consiste em trazer fatos relevantes sobre o papel desses grupos na sociedade guineense que muitas das vezes são subalternizados o verdadeiro sentido da harmonia existentes entre tais participantes ainda mais quando são formadas pelas mulheres, resumindo assim apenas as práticas de festividades. Metodologicamente, este trabalho será realizada através da abordagem qualitativa onde faremos um levantamento bibliográfico e a pesquisa de campo que será feita através da entrevista semiestruturada, que irá nos permitir obter contato com o objeto do estudo, isto é, com integrantes de diferentes grupos de Udâ (homens e mulheres) a fim de ter embasamento para esclarecer os fatos sobre essa cultura.

Palavras-chave: Mandjuandadi; Cooperativismo; Solidariedades; Harmonia.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA, CAMPUS DOS MALÊS, Discente,
dasilvarute12@gmail.com¹
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA, CAMPUS DOS MALÊS, Docente,
tcham1979@gmail.com²



INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa tem como finalidade, compreender a forma como os grupos de Mandjuandadi na Guiné-Bissau se estruturam e organizam os processos de cooperativismo solidaria compartilhando as formas de resolução de interesses individuais e coletivos entre seus membros/as. Com isso, esses grupos de irmandade compostos basicamente por mulheres, são compreendidos como grupos de harmonia e solidariedade que desenvolvem atividades culturais, ações econômicas, práticas ritualísticas, interações lúdicas e solidaria que ocorrem nos bons e nos maus momentos de cada integrante do grupo, com a intenção de combater as situações enfrentadas por cada uma, tanto no seio familiar assim como em outras esferas sociais, com base no sentimento recíproco de irmandade. Para Borges, 2000 apud Gomes (2019), essas práticas associativas são oportunidade para que as mulheres possam criar redes de relações sociais fora dos seus lugares privados, ou seja, fora do universo familiar, permitindo a individualização das estratégias femininas de sobrevivência e promoção socioeconômica. A sociedade guineense como um todo, apresenta uma grande diversidade étnica, cultural e linguística que reflete, demarca e caracteriza os grupos de mandjuandadis na Guiné-Bissau. Entretanto, a pesquisa que ora propusemos, focaremos no caso das Mandjuandadis do grupo étnico Manjaco, conhecido como Udân, No entanto, vamos usar o termo específico Udâ, fazendo referência ao grupo Manjaco de uma determinada zona, neste caso os Manjacos de Pecixe. Visto que, os termos Urân, Udân ou Udâ, variam, ou seja, são usados de acordo com as diferentes localidades povoadas pelos Manjacos na Guiné-Bissau. A ilha de Pecixe situa-se no Norte da Guiné-Bissau, concretamente na região de Cacheu, no setor de Caió, possui uma área de 168 km², e conta com cerca de 40 tabancas (povoados, aldeias ou vilas), cujo a localidade principal é a vila de Injante. A ilha engloba mais de 6.500 habitantes, a língua falada é Manjaco, uma das etnias que compõem a sociedade guineense, contando atualmente com mais de 72.000 falantes. Udâ é o termo em Manjaco, denominado irmandade em português, que significa grupo de pessoas de quase mesma idade que se reúnem e se apoiam uns aos outros, nos trabalhos de campo, assim como nos momentos de festejos e de sofrimentos, tomando como exemplo, shara que é um casamento tradicional(casamento), desgosto, cerimônias, cobertura de casas etc. os grupos de Mandjuandadis e os grupos dos Manjacos Udâ se assentam na mesma perspectiva. No entanto, a escritora guineense Odete Costa Semedo, em sua tese de doutorado apresentado em 2010, busca compreender a origem do termo Mandjuandadi, de modo que, demonstra de forma explícita que o surgimento do termo se configura numa incógnita, pois, os membros de diferentes grupos de Mandjuandadis objetos da sua pesquisa tanto no capital, assim como no interior da Guiné-Bissau, foram unânimes em apontar de que desconhecem o exato momento do surgimento do termo, entretanto, a explicação que os entrevistados davam é de que, nasceram e aprenderam com os mais velhos e se sentem motivados a continuar a prática, por configurar a diversão e harmonia na sociedade em que vivem Semedo (2010). Ainda de acordo com Semedo (2010), a origem das Mandjuandadi nos centros urbanos da Guiné-Bissau se vincula a estratificação social posta pelo sistema colonial português, porém, as Mandjuandadi já existiam como grupo de pessoas da mesma faixa etária, criada para realização de trabalhos nas aldeias. Essas organizações comunitárias acompanharam ao longo dos tempos o desenvolvimento social dos locais mais recônditos do país.

METODOLOGIA

Todas as pesquisas científicas precisam de uma forma ou modelo para serem elaboradas (MINAYO 2001). Entretanto, Para realização desta projeto de pesquisa, foi utilizada a abordagem qualitativa, onde foi realizado um levantamento bibliográfico acerca das mandjuandadis em Guiné-Bissau.



De acordo com Fonseca (2002) a pesquisa bibliográfica se realiza a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros artigos científicos e pagina de web sites

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os grupos de mandjuandadis e os grupos de Udâ são semelhantes em alguns pontos, porém diferentes em outros. De acordo com Gomes (2019, p. 60) na sua pesquisa de pós-graduação, através dos relatos dos integrantes dos grupos de Mandjuandadis BABOCK E BONTCHE seu objeto de estudo, demonstra que, as mandjuandadis são grupos formados por mulheres, ou seja, há participação predominantemente de mulheres, tendo apenas um homem denominado rei do grupo, normalmente o grupo possui um Rei e uma Rainha, ambos eleitos dentro do grupo, sendo assim, a liderança fica por conta das mulheres que pertencem ao grupo.

Enquanto que, nos grupos dos manjacos (Udâ), baseado em nossa experiência de convivência e conversas através de ligações via whatsapp com alguns membros de Udâ KANELANE isto é, colegaçom ou (mandjuandadi de chave) e de Udâ Kebá (mandjuandadi de Kebá) parece que, o grupo engloba homens e mulheres, que possuem mesmos direitos, na tomada de decisão dependendo do cargo que lhe foi atribuída. Faz se necessário frisar que, Udâ, embora seja uma cultura hereditária no contexto manjaco, porém nem todo os indivíduos dessa etnia participam dela, pois, ela é uma escolha particular e voluntaria.

CONCLUSÕES

Diante dos fatos supracitados, acredito que, essa diferença se dá a partir da ideia de que Udâ é a tradição exclusiva de um povo, com os mesmos costumes no que se refere às danças, cantos, língua, vestimentas dentre outros. Portanto, os integrantes já crescem acompanhando essa organização, pelo fato de ser filho ou parente de algum membro do mesmo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente vou agradecer ao meu querido orientador, o Professor Dr. Ismael Tcham, por ter aceitado o desafio de trabalhar comigo. Obrigada pelo esforço e dedicação. Agradeço á minha querida mãe, Linda Indi, que também teve um papel importante na realização desse trabalho. Ela foi uma das participante do grupo que tirava as minhas dúvidas sobre algumas questões. Por último, agradeço á todos os meus familiares e amigos que participaram de forma direta e indireta na elaboração desse Projeto de Pesquisa.

REFERÊNCIAS

- FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GOMES, PETI MAMA. Mulheres Em Associação Na Guiné-Bissau: Gênero E Poder Em Babock E Bontche. Redenção 2019 Disponível online
- MINAYO, Maria Cecilia de S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SEMEDO, Maria Odete da Costa. As mandjuandadi – cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura. Tese (Doutorado em Literaturas de Línguas Portuguesa), Pontifícia Universidade Católica de



Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: . Acesso em: 20 dezembro. 2019.